

# O papel da entoação na alternância de vez

*Isabel Galhano Rodrigues*

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

## 0. Introdução

A questão do papel da entoação na alternância de vez, para o caso da língua portuguesa, já foi salientado por Delgado Martins, 1987; 1988. A autora afirma que “alguns dados sobre a conversação mostram que a entoação se organiza em função de grandes unidades de elocução e em função igualmente da necessidade de dar e tomar a palavra ao outro interlocutor” (Martins, 1988: 141-142). Entre outros, Clark/Yallop (1995: 331) chamam a atenção para a necessidade de estudar a prosódia dentro do contexto interactivo. Os autores sugerem que a entoação, como traço prosódico a nível de frase, está relacionada com níveis elevados de organização linguística, como, por exemplo, com a estruturação da informação, a emoção, a atitude e a personalidade do falante. Poggi/Magno Caldognetto (1997: 137) acentuam a necessidade de estudar a entoação a partir de produções espontâneas de interacções verbais, cujas características prosódico-entoacionais são determinadas não só pelas estruturas linguísticas, mas também pelas escolhas paralinguísticas do falante relativamente à transmissão da sua atitude e emoções; além do mais, apontam para a necessidade de explorar sistematicamente a possibilidade de algumas funções importantes da entoação se encontrarem também ligadas a outros canais comunicativos além da fala, que podem ser utilizados pelo falante na interacção face-a-face (gesto, contacto visual, postura, etc.) (cf. Kendon, 1980, 1983; Scherer/Ladd/Silvermann, 1984; Guaitella, 1991; Rimé/Schiaratura, 1991). Torna-se assim evidente a necessidade de criar uma aproximação interdisciplinar entre a fonética e a análise da conversação<sup>1</sup>.

Como comprovação do acima referido, descreverei momentos da conversação em que a entoação desempenha um papel relevante a nível conversacional, sobretudo no que diz respeito à distribuição dos papéis de falante e de ouvinte. Os aspectos analisados inserem-se num trabalho de maior escala sobre a alternância de vez na conversação (cf. Rodrigues, 1998). Para melhor compreensão do que irei apresentar, convém descrever, em linhas gerais, os principais fundamentos teóricos da análise em questão.

---

<sup>1</sup> Utilizo aqui o termo *análise da conversação* por me parecer relativamente neutro no que diz respeito a pressupostos teóricos.

## 1. Alternância de vez

Por *alternância de vez* entende-se o modo como, numa conversação, a palavra, ou seja, a vez, passa de um interveniente para o outro. Pode ser entendida como uma constante negociação relativamente aos papéis de falante e de ouvinte por parte dos intervenientes. Esta designação corresponde, em linhas gerais, tanto ao *turn-taking* de Duncan (1975), de Goffman (1967) e da teoria da análise conversacional etnometodológica (Sachs/Schegloff/Jefferson, 1974), como à *échange / exchange* da análise do discurso (Sinclair/Coulthard, 1975; Roulet, 1980, 1985, Moeschler, 1987). Os meios e estratégias de que se servem tanto o falante para tomar, manter e ceder a vez, como o(s) ouvinte(s), para emitir sinais de retorno ou reclamar o papel de falante, são os sinais conversacionais de alternância de vez, um subgrupo dos sinais conversacionais. A classificação desenvolvida para a descrição do funcionamento da alternância de vez resultou de uma síntese de conceitos e de categorias provenientes, por um lado, da análise conversacional etnometodológica, por outro, da análise do discurso (Rodrigues, 1998). A primeira destas duas orientações teóricas negligenciou o aspecto do desenvolvimento temático do discurso, as relações lógico-argumentativas entre os temas e a articulação entre diferentes partes do discurso; a segunda orientação não deu especial atenção à influência recíproca entre falante e ouvinte e às suas respectivas actividades simultâneas, concentrando-se nas funções que determinadas formas linguísticas podiam assumir no discurso, tanto falado, como escrito. Pareceu-me, assim, que uma síntese destas duas orientações teóricas permitiria elaborar uma classificação que desse conta do maior número possível dos fenómenos que se manifestam na conversação.

## 2. Os sinais conversacionais

O grupo supra-ordenado desta classificação é formado pelos sinais conversacionais, os elementos da conversação, unidades conversacionais linguísticas, não-linguísticas ou não-verbais<sup>2</sup>, que desempenham funções relevantes em vários domínios de relações pragmáticas. Caracterizam-se pela sua polissemia e polifuncionalidade e podem desempenhar em maior ou menor grau, as seguintes funções:

1. funções interaccionais, ou seja, funções relativas à organização da alternância de vez, que se manifestam a nível do plano das relações entre falante e ouvinte; estas funções ainda se subdividem conforme correspondam a uma actividade do falante ou do ouvinte e relativamente ao tipo de actividade: tomada de vez, manutenção de vez, cedência de vez (actividades do falante), reclamação da vez ou retorno da vez (actividades do ouvinte) (cf. Rodrigues, 1998: 79-96).

2. funções interactivas, para utilizar a designação de Roulet (1980, 1985) ou de Moeschler (1987), que se manifestam no plano temático e estabelecem relações

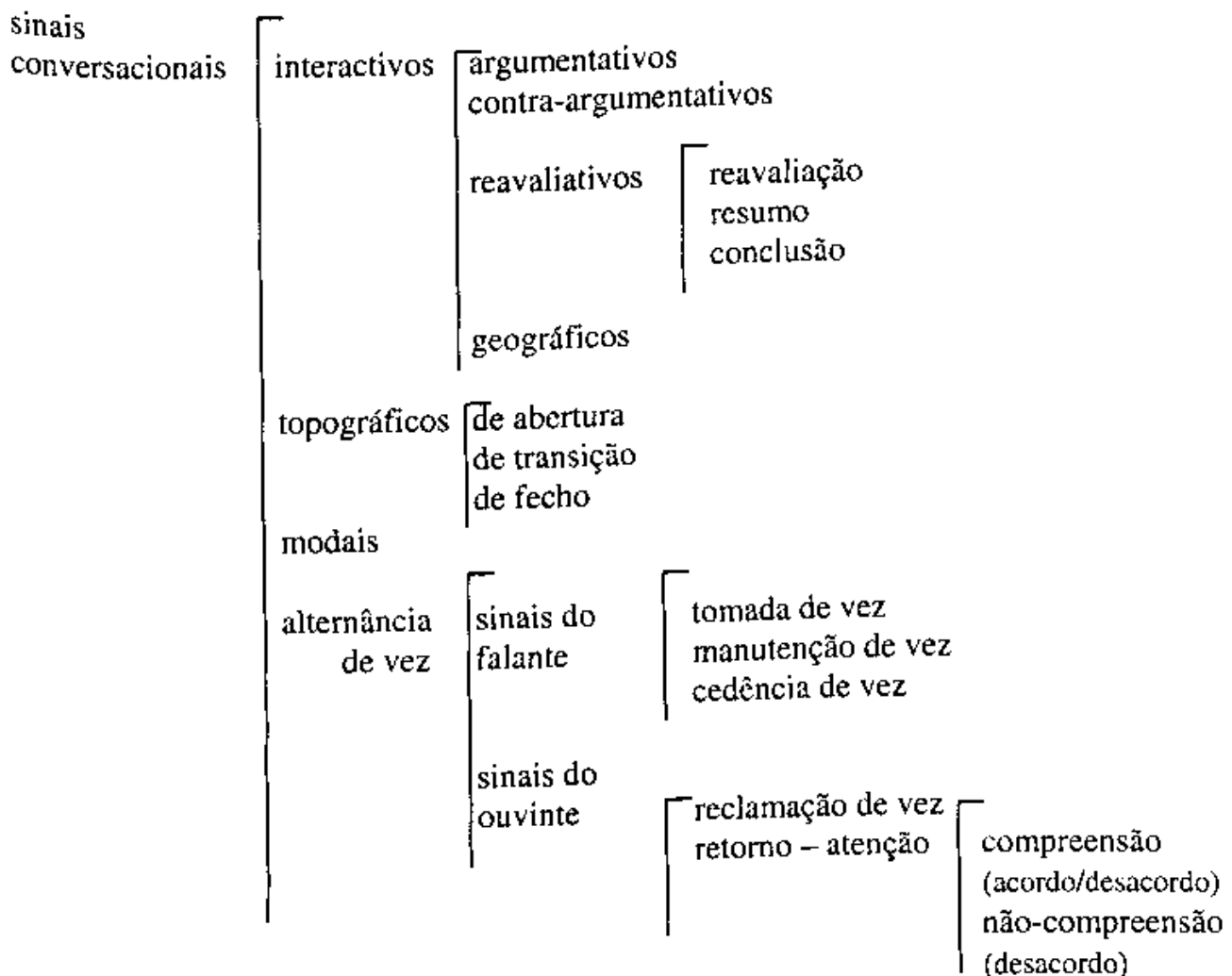
<sup>2</sup> As unidades conversacionais não-verbais não fazem parte do âmbito desta investigação.

lógico-argumentativas entre os temas. Estas funções são idênticas àquelas que têm sido atribuídas a alguns marcadores discursivos, no âmbito da análise do discurso (cf. Spengler, 1980; Roulet, 1980, 1985; Rodrigues, 1998: 73-74).

3. funções topográficas, que actuam a nível da articulação entre as unidades constitutivas da vez. Os sinais topográficos parecem conjugar os planos interaccional e temático, pois muitas vezes, ao mesmo tempo que desempenham uma função de charneira entre duas unidades – que podem ser, a nível mais amplo, vezes, ou, a nível mais limitado, dois actos conversacionais –, também estabelecem uma ligação a nível de conteúdo entre temas (*Idem*, 74-75).

4. Além destas funções relacionadas com mensagem, falante e ouvinte, podemos considerar aquelas que se prendem com a atitude do falante e do ouvinte perante o que é dito, perante as suas expectativas, intenções ou estratégias comunicativas, geralmente conhecidas por emotivas, que designo aqui por modais (*Idem*, 75-76).

Com base nas funções acima descritas, pertencentes a vários níveis pragmáticos, elaborei a seguinte classificação (cf. Rodrigues, 1998: 70 segs.) – QUADRO 1:



### 3. O papel decisivo da entoação na alternância de vez

Ao procurar descrever o mais minuciosamente possível o fenómeno da alternância de vez, pude constatar pequenas diferenças entoacionais de que falante e ouvinte se apercebem (mais ou menos conscientemente) e que têm uma influência decisiva no rumo que estes dão à conversação. Estes casos específicos são mais evidentes sobretudo nas seguintes situações: a) sequência: cedência de vez de um falante – tomada de vez do falante seguinte; b) falante actual, interessado em manter o seu papel, provoca um sinal de retorno do ouvinte; c) ouvinte, interessado em manter o seu papel, incita o falante a prosseguir a sua vez. Não entrando em pormenor no que diz respeito às características mais típicas das diferentes subdivisões dos sinais de alternância de vez, passo imediatamente à apresentação e descrição dos exemplos que melhor elucidam as situações específicas acima mencionadas.

### 4. Análise de alguns exemplos

O *corpus* analisado consiste em gravações audio de entrevistas da rádio. O modelo de transcrição escolhido procura atender aos fenómenos relevantes para a análise da conversação. Foram considerados três tipos de entoação – a saber, em suspenso, ascendente e descendente.

Sinais de transcrição:

(.)	paragem muito curta num enunciado
(..)	pausa curta
(...)	pausa intermédia
(pausa)	pausa longa
(:)	prolongamento
(,)	entoação descendente
(^)	entoação ascendente
(-)	entoação em suspenso
(?)	entoação de pergunta (descendente-ascendente)
(!)	entoação de exclamação (ascendente-descendente)
(h)	hesitação
eh(:)	sinal típico de hesitação
mm	sinal típico de retorno
<u>pois</u>	acentuação mais forte (maior intensidade da voz)
<u>p o i s</u>	prolongamento da palavra
(riso) ... +	caracterização de sinais não linguísticos. A caracterização está indicada antes das respectivas expressões e é válida até ao sinal “+”.
(XXX)	texto incompreensível
(pois?)	texto supostamente compreendido
[ ]	fala simultânea (vezes simultâneas, ou vez e retorno)

Vejamos em primeiro lugar uma situação típica, pode-se dizer, ideal, da transição da vez de um falante para o outro:

1. X: mas nestes últimos dez anos têm perdido mais do que têm **ganho**(,)

Z: **bom**(,) mas o balanço(˘) não pode ser feito aos últimos dez anos(˘) isso é os últimos dez anos do cavaquismo(-) (T3/100-103)

A entoação descendente da frase pronunciada por X (final de frase + entoação descendente) é uma indicação para Z que X termina a sua vez. Logo a seguir à vez de X, Z assume o papel de falante, iniciando a vez com os elementos *bom mas*. Esta combinação de elementos, à semelhança do tão conhecido *sim mas*, indica, por via de regra, um acordo ou desacordo parcial. Neste caso, o valor de acordo encontra-se reduzido devido à entoação descendente de *bom*, que lhe atribui a qualidade de sinal topográfico de fecho (do que foi dito antes) para em seguida se seguir um sinal que assinala uma oposição (contra-argumentativo), ou seja, o desacordo perante o que foi dito anteriormente. Sendo assim, a expressão *bom mas* traduz o desacordo de Y de um modo minimizado, ou atenuado, para evitar ameaçar a face de X.

2. Y: então(˘) antes de mais nada(˘) só falo se o tipo prometer um autógrafo para os meus **filhos**(,)

Z: (riso) + está **prometido**(,)

Y: **pronto**(,) **então**(˘) a europa já foi(,) (.) não é(,)

Z: [isto foi um black out(,)]

Y: **eh pronto** (riso curto) + vou dar por fim do black out(,) (.) eh a europa já foi(,) (.) foi e foi muito bem(˘) (*continua*) (T1/16-31)

No exemplo (2), Y cede a vez a Z (fim de frase + entoação descendente); Z toma a vez com um sinal paralinguístico (riso) e cede a vez a Y. A tomada de vez de Y realiza-se agora através do elemento *pronto*, com entoação descendente e *então* com entoação ascendente. Além da função de tomada de vez, este conjunto de sinais desempenha a função de fechar o tema da vez antecedente e de abrir um tema já anteriormente prometido. Segue-se, simultaneamente à vez de Y, um comentário de Z que Y ouve e ao qual reage: através de *eh pronto* seguido de um riso interrompe o tema que estava a tratar, pronuncia um aparte, e retoma o tema que deixara em suspenso com um sinal de hesitação (*eh*). Encontramos neste exemplo o elemento *pronto* desempenhando a função de sinal de tomada de vez e simultaneamente de sinal conversacional topográfico de fecho (o conjunto de elementos *pronto então* funciona como um sinal topográfico de transição).

3. Y: meus filhos(-) meus filhos são benfiquistas(!) (.) mas com grande prazer(.) lhe posso dizer(,) foram festejar a vitória do porto esta semana para a rua(,)

Z: ora muito bem(,)

X: bom(,) (.) ó Y o Z está aqui a ser o ponta de lança do pinto da costa(ˆ) na campanha dos cento e dez mil(-) (.) está a ver se(-)

Y: [ ]  
ai é: (?) (..) (T1/220-230)

Y termina uma frase com entoação descendente, Z emite um sinal de retorno, mostrando que não está interessado em tomar a vez; o moderador X toma então a vez através do elemento *bom* + entoação descendente e dirige-se de novo a Y ao mesmo tempo que provoca Z que X quer, indirectamente incitar a tomar a vez para manifestar a sua opinião. *Bom* comporta simultaneamente as funções de sinal de tomada de vez e de sinal topográfico. Parece fechar e encerrar definitivamente o que foi dito antes, marcando também um novo começo de acção. Estas duas propriedades conferem-lhe um valor de transição. Por outro lado, o carácter iniciativo do acto que introduz parece reduzir esse valor a favor de um aumento do valor de abertura.

Dos exemplos 1-4 pode-se verificar que na função de tomada de vez encontramos formas linguísticas que diferem no que diz respeito às funções que desempenham a nível de articulação dos enunciados conforme a entoação com que são realizadas, como é o caso do elemento lexical *pronto*, que se apresenta desempenhando as funções topográficas tanto de fecho do tema antecedente (entoação descendente), ou de abertura (entoação ascendente), mostrando que o participante se prepara para falar, como de transição, para introduzir um enunciado colateral. Além disso, pode-se avançar que os elementos realizados com entoação descendente têm mais força impositiva do que aqueles que são realizados com entoação ascendente, sobretudo quando se trata da conquista do papel de falante, contribuindo para que o falante antecedente ceda a sua vez.

4. Z: (*continuação:*) as pessoas tomam realmente conhecimento do futebol do porto (ˆ) (..) são obrigados a tomar conhecimento do futebol do porto não é(-)

X: e muitas vezes a serem dominados(!) como(-)

Z: e a serem dominados(,) pronto(,) (T2/138-145)

Y: [ ]  
também porque o porto é uma grande dimensão(ˆ)  
o futebol clube do porto é que é uma grande dimensão(ˆ)

No exemplo (4) *pronto* tem a função de sinal de cedência de vez: surge no final da frase, num ponto de transição (PT) (cf. Rodrigues, 1996: 31-32) com entoação descendente. Tem um elevado valor de fecho (sinal topográfico de fecho) porque se segue a uma frase completa, terminada com entoação descendente. Sendo assim, funciona como um segundo fecho, ou seja, uma segunda marcação de cedência de vez.

Quando o falante tem uma falha na produção verbal, devido à estruturação do pensamento, a um falso arranque ou a uma falha lexical, procura não interromper a cadeia sonora, ou seja, manter a vez. Para isso, recorre a sinais de hesitação (pausas cheias – prolongamentos e elementos lexicais –, ou repetições de elementos verbais). Para exemplificar este fenómeno servi-me de dois exemplos, em que o falante utiliza a palavra *pronto*, em cada um deles com uma entoação diferente:

5. Z: tirando o futebol(-) (riso) tirando o futebol mas o futebol é um fenómeno que que (.) **pronto**(,) que não há noutras áreas não é(?) (T2/130-131)
6. Z: por exemplo eu neste momento (tosse) eu vivo no porto há cinco anos(-) praticamente e: **pronto**(^) neste momento(^) sinto-me um bocado mais tripeira do que lisboeta(^) não é(,) (continua) (T2/59-61)

Tanto em (5), como em (6), *pronto* parece marcar o fim a uma situação de hesitação – a indecisão do falante sobre a continuação a dar ao enunciado. Sendo assim, atribuo a estes sinais de hesitação, além da função de manutenção de vez, a função topográfica de transição. A nível modal, as diferentes entoações deixam transparecer diferentes atitudes: no primeiro caso, a entoação descendente mostra uma maior segurança por parte do falante; veja-se ainda o sinal de reforço informativo (*não é*) no fim do enunciado. No segundo caso, a entoação ascendente comporta um valor adicional de concessão às solicitações do parceiro da conversação (moderador): o falante acaba por revelar o facto (íntimo) de se sentir mais tripeiro do que lisboeta.

7. Y: e vai daí(-) (,) alguém tinha que ganhar(^) (,) eu penso que chegou a altura de **pronto**(^) como acontece em muitos clubes por essa europa fora(,) (,) pousar os pés na terra(,) e construir uma equipa(^) quer dizer(,) não sei se reparou que o benfica parece uma agência de viagens(?) (..) não é(?) (T1/272-276)

No exemplo (7) *pronto* permite marcar uma interrupção de frase (ideia ou acto conversacional) para introduzir um aparte. A entoação ascendente concede-lhe um carácter de transição, focando o que vai ser dito a seguir. Uma pausa vazia curta marca o fim do aparte e a frase deixada em suspenso / interrompida é continuada.

Neste exemplo, *pronto* surge com as funções de sinal de manutenção de vez e de sinal topográfico de transição. Tendo em conta o conteúdo da vez, o falante introduz este aparte para justificar a sua opinião. Isso significa que *pronto* tem um forte valor argumentativo, podendo também ser interpretado como um sinal conversacional interactivo argumentativo; a nível modal mostra uma necessidade de justificação, uma defesa de opinião. Esta atitude poder-se-ia parafrasear do seguinte modo: *para que veja como tenho razão, até lhe lhe posso dizer que é assim que fazem lá fora*.

No exemplo (8) o falante não achou pertinente completar a frase, interrompendo-a com um aparte. Esta interrupção realiza-se através do fecho (*pronto*) da frase iniciada e do começo de outra frase, e constitui uma estratégia de correcção que revela também um momento de hesitação. *Pronto* marca assim o fim de um falso arranque; além disso, a entoação ascendente com que é realizado indica que algo se vai seguir e que a vez do falante não termina neste ponto, como no exemplo antecedente, comporta um certo valor deíctico de apontar para a frente, para o que se vai seguir. Pode-se considerar ainda um carácter adicional de natureza modal. Outros casos interessantes são os sinais do ouvinte que se seguem a pedidos de retorno do falante, também patentes neste exemplo:

8. Y: ai em todo o caso em relação à à (h) (.) porque **pronto**(´) penso sempre automaticamente na questão das **clagues**(?) (..)

Z: mm(-) mm(´)

Y: há uma coisa que me entristece hoje em dia (..) (acelerado) em relação ao **benfica**(?) +

Z: mm(-) mm(´)

Y: que é eu quase vejo o benfica(-) (*continua*) (T1/163-174)

A entoação ascendente ou descendente-ascendente-descendente (interrogativa) com que o falante termina as frases, demonstra a sua necessidade de receber um sinal de retorno da parte do ouvinte. Isto pode dever-se ao facto de o falante sentir necessidade de ver que o ouvinte está sempre atento ou que este manifeste o seu conhecimento (compreensão) sobre aquilo de que está a falar. De facto, o ouvinte emite sinais de retorno que demonstram atenção / compreensão – o *mm* duplo, o primeiro com entoação em suspenso, o segundo com entoação ascendente. Vejamos mais casos de manifestação de atenção-acordo do ouvinte que se seguem a pedidos de retorno por parte do falante:

9. Y: não há nada(-)

Z: praticamente não **acontece**(´)

X: mm(,)

Z: quer dizer algum dia(´) (T2/194-200)



10. Y: a minha mãe e a minha avó(´) eh era a minha avó e é a minha mãe do benfica(´) porque ambas são de lisboa(´)

Z: ora bem(,) (T1/206-210)

O apenso *não é*(?) também funciona com sinal de pedido de retorno:

11. Y: isso está erra:do em termos de política não pode ser assim(´) eh sem pôr em causa o valor do senhor por amor de deus(´) não é(?)

X: mm(-) mm(,)

Y: em termos de política não pode ser(´) (T1/307-313)

Outro modo de orientar a atenção do ouvinte para aquilo que vai ser dito é a realização de um enunciado do tipo anúncio:

12. Y: agora(´) há uma coisa que eu receio(,) (.) e agora a sério(,) (..)

Z: mm(,)

Y: depois do resultado em milão(,) (.) depois (*continua*) (T1/118-122)

O apenso *não é* também surge na função de reforço informativo tanto com entoação informativa (13), com a função de reforçar a informação do(s) enunciado(s) que focaliza, como interrogativa (14). Se aqui tivesse provocado um sinal de retorno do ouvinte poderia ter sido classificado como sinal de pedido de retorno:

13. Z: por exemplo eu neste momento (tosse) eu vivo no porto há: cinco anos(-) praticamente e: pronto(´) neste momento(´) sinto-me um bocado mais tripeira do que lisboeta(´) não é(,) eh até porque gosto muito do porto(´) gosto muito de viver no porto(´) (.) e: há realmente uma grande: uma grande discriminação(-) (.) a nível teatral(,) (T2/59-64)

14. Z: pois(´) se calhar por isso vingam-se(´) se calhar por isso vingam-se eh e é é é (h) pronto: a nível nacional e principalmente a nível da capital não é(?) as pessoas tomam realmente conhecimento do futebol do porto(...) são obrigados a tomar conhecimento do futebol do porto não é(-)

X: e muitas vezes a serem dominados(?) como(-)

Z: e a serem dominados pronto(,) (T2/136-145)

Por esta razão se pode concluir que os sinais de pedido de retorno e os sinais de reforço informativo estão funcionalmente bastante próximos: a sua distinção depende das diferentes consequências que têm na sequencialidade do discurso – aos sinais de

pedido de retorno segue-se uma actividade de retorno do ouvinte; aos sinais de reforço informativo não. Do *corpus* analisado que não foi apresentado neste trabalho, pude verificar que a entoação ascendente foi mais eficaz na obtenção de um sinal de retorno do que os apensos. Talvez estes tenham sido entendidos mais como perguntas retóricas, com a finalidade de evidenciar o conteúdo informativo dos enunciados, e não propriamente como um pedido de retorno dirigido ao ouvinte.

Os exemplos que se seguem incidem sobre os sinais de retorno do ouvinte. Como já referi, por meio de sinais de retorno, o ouvinte também pode manifestar o seu desinteresse em assumir o papel de falante: ao manifestar atenção e acordo, apoia o falante na manutenção do seu papel.

Em (15) (cf. (3)), o ouvinte mantém o seu papel, embora pareça que o falante pretende terminar a vez. No ponto de transição (PT), o ouvinte continua a apoiar o falante para ele prosseguir a sua vez:

15. Y: (*continuação:*) mas a mim o que me custa mais é a questão da imagem(´) (.) pronto(,)

X: mm(-) mm(,)

Y: aos quarenta e cinco já não fico tão deprimido por perder (*continua*) (T1/32-37)

No exemplo (16), a entoação com que o sinal de retorno é realizado é distinta dos outros tipos já exemplificados em (8) e (15). Aqui o ouvinte Y manifesta o seu desacordo com X e apoia o falante Z nesse desacordo :

16. Z: ah: (..) não(´) acho que não é bem isso(,) acho que não é bem isso(,)

Y: [ ]  
mm(,) mm(,)  
(T2/253-257)

Verifica-se que o sinal é realizado com uma entoação diferente daquela que encontramos na expressão de compreensão. Neste caso, cada parte do sinal é realizado com entoação descendente, o que, a meu ver, mostra pouca abertura, pelo contrário anula ou rejeita o que foi dito antes. Nos exemplos apresentados, o sinal *mm* surge na forma simples, com entoação descendente, e na forma dupla (ou redobrada), com diferentes entoações: a) em suspenso-ascendente; b) em suspenso-descendente; c) descendente-descendente. Pergunta-se agora até que ponto é que as diferentes entoações implicam diferentes significados e se estes se podem sistematizar. Note-se que, em diferentes línguas, as significações destes sinais dependem inteiramente da entoação com que são realizados. Para o caso do alemão, o sinal *hm* (´) *hm* (,) significa simplesmente *não*.

Como se pode concluir, é importante aprofundar o estudo da entoação dos sinais conversacionais através de uma abordagem quantitativa e qualitativa (diferentes contextos, diferentes participantes) em que, paralelamente, se dê conta de todos os fenômenos que confluem numa situação de conversação, como tem vindo a ser investigado recentemente para outras línguas<sup>3</sup>.

### Bibliografia:

- CLARK, John / YALLOP, Colin (1995) *An Introduction to Phonetics and Phonology*. Oxford, Blackwell.
- DUNCAN, S.J. (1975) "Interactions Units during Speaking Turns in Dyadic, Face-to-Face Conversations", in: Kendon, A. / Harris, R. / Key, M.R. (eds.), *Die Partikeln der deutschen Sprache*. Berlin, Walter de Gruyter, 503-517.
- GIBBON, Dafydd / RICHTER, Helmut (1984) *Intonation, Accent and Rhythm. Studies in Discourse Phonology*. Berlin, Walter de Gruyter.
- GOFFMAN, Erwin (1967) *Interaction Ritual. Essays on Face-to-Face Behavior*. New York, Anchor Books. Tradução alemã: *Interaktionsrituale*. Frankfurt a. M., Suhrkamp, 1971.
- GUAITELLA, Isabella (1991) "Étude des relations entre geste et prosodie à travers leur fonctions rythmique et symbolique", in: *Proceedings of the XIIIth International Congress of Phonetic Sciences, Aix-la-Provence*, vol. 3, 266-269.
- GÜLICH, E. / KOTSCHI, T. (1995) "Discourse production in oral communication", in: Quasthoff, U. (ed.), *Aspects of oral communication*. Berlin, Walter de Gruyter, 30-65.
- KENDON, Adam (1980) "Gesticulation and Speech: Two Aspects of the Process of Utterance", in: Key, M.R. (ed.), *Nonverbal Communication and Language*. Mouton, The Hague, 207-227.
- KENDON, Adam (1983) "Gesture and Speech: How they interact", in: Wiemann, J.<sup>a</sup> / Harrison, R.P. (eds.), *Nonverbal Interaction*. London, Sage, 13-45.
- MARTINS, Maria Raquel Delgado (1987) "Stratégie conversationnelle: donner et prendre la parole", in: *Proceedings XIIIth International Congress of Phonetic Sciences, Tallinn 1987*, Vol. 3, 177-179.
- MÖBIUS, Bernd (1993) *Ein quantitatives Modell der deutschen Intonation. Analyse und Synthese von Grundfrequenzverläufen*. Tübingen, Niemeyer (=Linguistische Arbeiten, 305).
- MOESCHLER, Jacques (1985) *Argumentation et conversation. Éléments pour une analyse pragmatique du discours*. Paris, Hatier-Crédif.
- POGGI, I. / MAGNO CALDOGNETTO, E. (1997) "Il sistema prosodico intonativo e l'analisi multimodale del parlato", In: Poggi, I. / Magno Caldognetto, E. (eds.), *Mani che parlano. Gesti e psicologia della comunicazione*. Padova, Unipress, 137-145.
- RIMÉ, B. / SCHIARATURA, L. (1991) *Gesture and Speech*. in: Feldman, R.S. / Rimé, B. (eds.) *Fundamentals of Nonverbal Behavior*. Cambridge, Cambridge Universal Press, 239-281.

<sup>3</sup> Gibbon/Richter, 1984; Gülich/Kotschi, 1995; Möbius, 1993; Quasthoff, 1995; Poggi/Magno Caldognetto, 1997.

- RODRIGUES, Isabel Galhano (1998) *Os sinais conversacionais de alternância de vez*. Porto, Granito Editores e Livreiros.
- ROULET, Edi (1980) "Stratégies d'interaction, modes d'implication et marqueurs ilocutoires", in: *Cahiers de Linguistique Française 1. Actes de Langage et structure de la conversation*. Genève, Faculté de Lettres, 80-103.
- ROULET, Edi et al. (1985) *L'articulation du discours en français contemporain*. Berne, Peter Lang.
- SACHS, H. / SCHEGLOFF, E. A. / JEFFERSON, G. (1974) "A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation", in: *Language 50*, 696-735.
- SCHERER, K.R. / LADD, D.R. / SILVERMAN, K.E.<sup>a</sup> (1984) "Vocal cues to Speaker Affect: Testing two Models", in: *The Journal of the Acoustical Society of America*, 76, 1346-1356.
- SINCLAIR, J. McH. / COULTHARD, M. (1975) *Towards an analysis of discourse. The English used by teachers and pupils*. Oxford, Oxford University Press.
- SPENGLER, Nina de (1980) "Première Approche des marqueurs d'interactivité", in: *Cahiers de Linguistique Française 1. Actes de langage et structure de la conversation*. Genève, Faculté de Lettres, 128-148.